CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Maya Deren: No Cinema posso fazer o Mundo Dançar
3, 6 e 15 de Janeiro de 2026

BALLET MÉCANIQUE / 1924

um filme de Fernand Léger, Dudley Murphy

Realização: Fernand Léger (com Dudley Murphy) / Fotografia: Dudley Murphy / Com: Kiki de Montparnasse, Katherine Murphy / Cópia: DCP (suporte original: 35mm), mudo, preto e branco, partes tintadas, com intertítulos em francês, legendado em português / Duração: 17 minutos / Estreia: 1924, França.

L'ÉTOILE DE MER / 1926

um filme de Man Ray

Realização, Argumento, Fotografia e Montagem: Man Ray, baseado num poema de Robert Desnos / Interpretação: Alice Prin (Kiki de Montparnasse, a mulher), André de la Rivière (o homem), Robert Desnos (o homem que parte com a mulher) / Cópia: 35 mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em francês, legendados electronicamente em português / Duração: 15 minutos / Primeira apresentação: 13 de Maio de 1928, numa sessão privada no cinema Studio des Ursulines, em Paris / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: Abril de 1962 ("Retrospectiva do Cinema Francês: Época Muda 1895-1929).

ANÉMIC CINÉMA / 1926

um filme de Marcel Duchamp (Rrose Sélavy)

Realização: Marcel Duchamp / Cópia: 16 mm, preto e branco, mudo, sem intertítulos, texto em francês, com legendas em português / Duração: 7 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: Junho de 1996 ("Centenário das Primeiras Sessões de Cinema em Portugal").

DISQUE 957 / 1926

um filme de Germaine Dulac

Realização: Germaine Dulac / Música Original: Chopin (Prelúdios 5 e 6) / Cópia: 16 mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em francês, legendados electronicamente em português / Duração: 5 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 16 de Maio de 1997, A "avant-garde" na Europa: Das Origens a 1945".

KATHERINE DUNHAM, PERFORMING BALLET CREOLE / 1952

um filme de British Pathé

Produção: British Pathé / Com: Katherine Dunham / Cópia: Digital, preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / Duração: 3 minutos / Primeira

exibição na Cinemateca.

TRANCE AND DANCE IN BALI / 1951

um filme de Gregory Bateson, Margaret Mead

Realização e Produção: Gregory Bateson, Margaret Mead / Texto e voz: Margaret Mead / Cópia: Digital, preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / Duração: 20 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

duração total da projeção: 71 minutos

Notas: Por opção de programação, **Ballet Mécanique** será projectado sem a música que é anunciada na cópia. O texto que abre a cópia em 16mm de **Disque 957** está cortado na própria imagem impressa / Uma questão de suportes ditou uma alteração no alinhamento da sessão.

Inicialmente não prevista, a sessão de dia 15 realiza-se como "sessão extra" do ciclo Maya Deren, ocupando o lugar do programa "Histórias do Cinema: Christa Blümlinger / Harun Farocki" adiado para Abril por motivos de força maior.

Esta é uma sessão que reúne grandes clássicos do surrealismo e dadaísmo cinematográfico dos anos 1920, com duas obras raras dos campos da antropologia e da dança, que reenviam para a heterogeneidade das influências na obra de Maya Deren, num diálogo que se estende às várias sessões do programa. Grande clássico do cinema mais experimental dos anos vinte, **Ballet Mécanique** revela todo um universo fascinado pelas novas possibilidades do cinema enquanto arte. Como escreveria Fernand Léger, que no início dos anos 20 era um dos mais importantes pintores da cena parisiense cuja "conversão" ao cinema terá acontecido em 1922 após um visionamento de **La Roue** de Abel Gance, "O erro da pintura é o assunto. O erro do cinema é o argumento. Livre deste peso negativo o cinema pode tornar-se um gigantesco microscópio das coisas jamais vistas e jamais sentidas". Influenciado pelo uso do grande plano por parte de Gance, Léger terá partido para a realização de **Ballet Mécanique**, para a qual contou com a colaboração de Dudley Murphy. Entre os vários artistas que colaboraram no filme encontramos ainda Ezra Pound, Alvin Langdon Coburn ou Man Ray.

Ballet Mécanique é uma pura experiência visual que se abre a múltiplas interpretações pela diversidade de vias que convoca, um "bailado" bem representativo da vida moderna composto por inúmeros motivos que significativamente são introduzidos e encerrados por um Chaplin decomposto e posteriormente reconstruído, cuja representação corporal será alvo de múltiplas reconfigurações. Determinado pelo "olho mecânico" da câmara e por um ritmo veloz imposto pela montagem, **Ballet Mécanique** concilia múltiplos tipos de movimento, alargando assim as possibilidades plásticas do cinema. Um prisma colocado face à objectiva transforma o filme numa experiência cubista, afastando-o de toda a gramática de um cinema narrativo em prol de um caleidoscópio de imagens geradas em associação livre, em que repetidos fragmentos de um plano geral de uma mulher num

baloiço contrastam com o grande plano do rosto de Kiki de Montparnasse e com um conjunto de figuras geométricas que se manifestam numa explosão de cor que invade o ecrã. Imagens que se sucedem num ritmo acelerado, evocativo da velocidade de um mundo progressivamente mais mecanizado, que esta pequena obra-prima da vanguarda francesa procura imprimir directamente na retina do espectador. A própria Maya Deren, a propósito do seu filme **Meditation on Violence** refere o cinema como uma experiência cubista já não no espaço, mas no tempo, o que nos reenvia para uma outra dimensão.

Caracterizado por muitos como um "cine-poema" ou um "film-flou" de imagens difusas, **L'Étoile de Mer** é um dos mais célebres filmes de Man Ray e um dos grandes exemplos do surrealismo no cinema. Sobre **L'Étoile de Mer** retomamos as palavras de Antonio Rodrigues numa destas folhas: "Pode-se aplicar a este filme [**Emak Bakia**, Man Ray, 1926] o que Man Ray disse do seu **L'Étoile de Mer**: trata-se de um poema surrealista, 'um cine-poema com uma certa sequência ótica, [que] forma um conjunto que não deixa de ser um fragmento'. O genérico de **L'Étoile de Mer** apresenta o filme como 'o poema de Robert Desnos tal como o viu Man Ray'. A própria ideia de fazer este filme nasceu de um gesto de livre associação, o que é muito surrealista. Num jantar de despedida para Desnos, que ia partir para as Antilhas, o poeta declamou vários poemas, um dos quais intitulado *L'Étoile de Mer*, que escrevera naquele mesmo dia. Man Ray declarou que 'talvez a minha imaginação tivesse sido estimulada pelo vinho bebido durante o jantar, mas o poema comoveu-me muito e vi-o como um filme, um filme Surrealista". Prometeu a Desnos que quando voltasse de viagem o filme estaria pronto, arrependeu-se horas depois, 'mas já tinha dado a minha palavra e cumpri o prometido'. Além de Kiki de Montparnasse, o filme conta com a presença do próprio Desnos, na figura do homem que acaba por partir com a mulher. (…) Como em todos estes filmes, há em **L'Étoile de Mer** efeitos visuais não naturalistas, uma deformação da imagem, através de uma camada de gelatina sobreposta à objetiva, pois num filme como este mesmo as acções mais físicas não são totalmente físicas, a literalidade da imagem fotográfica tem de ser retificada."

Especialmente admirado por Maya Deren, **Anémic Cinéma**, de Marcel Duchamp, realizado em colaboração com Man Ray e Marc Allégret, e assinado pelo alter ego feminino do artista, Rrose Sélavy, é um ensaio filmado que questiona as próprias regras do cinema, projetando uma experiência cinematográfica de vanguarda dadaísta. O "cinema anémico" de Duchamp reenvia muito directamente para um movimento incessante, mas também para a sua ideia de *ready-made*, aqui assente numa animação de imagens pré-existentes impressas em discos, que se transformam em espirais em movimento, que evoluem de imagens abstractas para frases circulares construídas segundo princípios caros aos surrealistas, como os jogos de palavras, que cada um terá de decifrar. Filme que convoca uma relação profunda entre o cinema e as artes plásticas, **Anémic Cinéma** estabelece como que uma relação igualmente profunda com o espectador, que, como que hipnotizado, é sugado na vertigem de tais imagens. Duchamp assinaria uma colaboração com Maya Deren, de quem era um amigo próximo, **The Witch's Craddle**, projecto inacabado para uma exposição do mesmo, na sua galeria nova iorquina e um filme que assentava igualmente em princípios caros aos surrealistas (que podemos ver noutra das sessões deste ciclo).

Disque 957, de Germaine Dulac, a grande pioneira da avant-garde no campo do cinema feito no feminino na Europa, reúne um conjunto de "impressões visuais" em torno da relação da luz e do movimento, inspiradas por dois Prelúdios de Chopin. Dulac parte da música para apostar no ritmo de na musicalidade de imagens sem som, numa clara

afirmação dessa mesma musicalidade das imagens. O disco que nos começa a mostrar num gira-discos (a 78 rotações) rima com os "discos" de Duchamp, transformando-se noutros movimentos circulares provenientes das imagens. Curiosamente este filme foi mostrado pela primeira vez na Cinemateca em 1997 numa sessão dedicada à "avant-garde na Europa" anterior a 1945, em que foi mostrado também um filme pioneiro de Alexander Hammid, **Na Prazském Hrade/No Castelo de Praga** (1931), na altura Alexander Hachenschmied. Dele mostramos neste ciclo apenas os filmes que realizou já com Maya Deren, embora fizesse todo o sentido que figurassem nesta sessão dedicada às vanguardas que a antecederam, mas fica aqui a menção ao seu cinema, assim como ao de Jean Cocteau, outra referência incontornável para Maya Deren, mas cujos filmes temos mostrado amiúde na Cinemateca. Deren conhecia bem e apreciava o cinema de Dulac e ambas tinham ainda o comum o facto de serem não apenas pioneiras numa prática de um cinema de cariz manifestamente experimental, como na sua teoria, que expressavam através da escrita. E se Dulac filmou ao mesmo tempo de Man Ray, Cocteu, Léger, Deren antecedeu numa geração o cinema de Stan Brakhage, Jonas Mekas, Ernie Gehr, cujas obras mostrámos já na Cinemateca.

Para lá da influência das vanguardas, Deren foi buscar grande parte da sua inspiração ao trabalho de Katherine Dunham, coreógrafa, bailarina e antropóloga negra, cuja companhia de dança chegou a acompanhar em *tournée*, enquanto secretária pessoal e assistente de Dunham. Dela exibiremos um "ballet crioulo", apresentado no Cambridge Theatre, em Londres no início dos anos cinquenta, altura em que a sua Companhia fazia furor nos palcos internacionais. O trabalho anterior realizado por Dunham nas Caraíbas terá sido determinante no percurso da própria Deren, tendo as duas estado juntas no Haiti, país onde Deren filmou durante vários anos o seu **Divine Horseman: The Living Gods of Haiti** (1947/51), inspirado nas danças e rituais vudu. A importância desta coreógrafa e bailarina na divulgação dos ritmos afro-caribenhos nos Estados Unidos está bem presente num pequeno filme, que no contexto de uma sessão maioritariamente muda, revela toda a sua potência sonora.

O trance e as danças da possessão, que encontramos no trabalho de Deren, inspira-se assim muito no trabalho de campo de Dunham, mas também na obra do casal de antropólogos, Margaret Mead e Gregory Bateson, com o qual Deren inclusive teve uma relação. De ambos mostramos **Trance and Dance in Bali**, um filme que pertence claramente ao campo da etnologia, mas em que encontramos grandes ligações à poesia de uma obra como a de Deren. Pensemos no momento em que uma voz comenta como uma dança ritual é filmada em *slow motion,* e como o movimento a dada altura regressa à velocidade normal. Estes dois últimos filmes, que agora mostramos pela primeira vez na Cinemateca, convocam toda a obra de Deren, em que a dança desempenha um papel primordial, mas muito particularmente **Divine Horseman**, que mostraremos também pela primeira vez numa das próximas sessões.

Joana Ascensão